

A herança mexicana na luta sandinista dos anos 20 na Nicarágua¹

Michelle Dospital

Tradução: Raphael Nunes Nicoletti Sebrian

[Tradução de DOSPITAL, Michelle. “La herencia mexicana en la lucha sandinista de los años 20 en Nicaragua”. *Secuencia*, Revista de historia y ciencias sociales. nº 30. México, D.F.: 1994, p. 117-129].

Resumo: O artigo discute a interação entre Augusto C. Sandino e grupos sindicais mexicanos, em momentos de efervescência revolucionária no México, procurando analisar de que maneira este "ambiente" foi apropriado pelo líder revolucionário nicaraguense no processo de elaboração de seu ideário político.

Palavras-chave: Nicarágua, México, Augusto C. Sandino, movimento sandinista.

Abstract: This article discusses the impact of Augusto C. Sandino's exile in the post-revolutionary Mexico, where he took part in unionists' struggles, on the future developments, as he moved back to Nicaragua, of his political thought.

Keywords: Nicaragua, Mexico, Augusto C. Sandino, Sandinism.

Ainda que já existam alguns estudos sobre o movimento de libertação nacional na Nicarágua (1927-1934) e o pensamento político de seu dirigente Augusto C. Sandino,² muito pouco se conhece da biografia do líder nicaraguense na época anterior a 1927 e, em particular, durante sua permanência no México de 1923 a 1926.

Reconstruir passo a passo o exílio de Sandino é bastante difícil. Nas entrevistas dadas pelo nicaraguense nos anos 30, as alusões a esse período de sua vida foram

¹ Título completo: A herança mexicana na luta sandinista dos anos 20 na Nicarágua. Experiências políticas e sociais de Sandino em Cerro Azul (1925-1926).

² A lista bibliográfica é bastante importante e por isso apenas mencionamos algumas obras significativas: Torres, *Sandino*, 1984; Selser, *Sandino*, 1980; Román, *Maldito*, 1983; Instituto, *Sandino*, 1984; Dospital, “Mouvement”, 1991. (**Nota do Tradutor:** o conteúdo das notas foi traduzido, mas sua apresentação foi preservada conforme no original; as referências completas das obras citadas, de acordo com as normas vigentes no Brasil, estão na bibliografia ao final do artigo. Eventuais incorreções nas referências são de responsabilidade da autora).

sempre evasivas e inclusive contraditórias. Quanto às pessoas que o conheceram pode-se dizer que são poucas e, em geral, têm uma vaga memória sobre o líder já que, nesse momento, Sandino, além de ser tímido, não tinha o hábito de ficar íntimo de seus companheiros de trabalho.

Com o apoio do Centro de Estudos sobre México e América Central (CEMCA), pudemos realizar uma investigação específica sobre este lapso da vida de Sandino concentrando nossos esforços a partir de sua chegada a Cerro Azul, povoado do estado de Veracruz, onde trabalhou como vendedor de gasolina na companhia norte-americana Huasteca Petroleum Co., desde agosto de 1925 até maio de 1926. Consideramos interessante o período supracitado por várias razões:

- 1) Segundo alguns historiadores, foi em Cerro Azul onde Sandino teria se associado à CGT e onde as discussões anarco-sindicalistas teriam influenciado posteriormente seu pensamento político;
- 2) Nesse lugar também foi testemunha da atitude nacionalista do governo de Calles (1924-1928) ante as companhias estrangeiras, a qual teria reforçado a posição política de Sandino em relação aos acontecimentos da Nicarágua;
- 3) Foi em Cerro Azul e nesse momento de tensão política no México que Sandino decidiu regressar a seu país depois de seis anos de exílio;
- 4) Por fim, esse é o único lugar do México onde podemos confirmar a permanência de Sandino durante o período que nos interessa.³

Para realizar este estudo, consultamos a bibliografia relativa ao pensamento político de Sandino e a vida política e sindical do estado de Veracruz, o Arquivo Geral da Nação (Archivo General de la Nación), o Arquivo Geral do Estado de Veracruz (Archivo General del Estado de Veracruz) e entrevistamos operários petroleiros e sindicalistas que trabalhavam nos anos vinte. O propósito deste artigo é descrever as

³ Em 15 de março de 1928, o gerente geral da Huasteca Petroleum Co. enviou uma carta a Harold Walker, vice-presidente da Pan American Petroleum y Transport Co. em Nova York, que dizia: “Sandino entrou na Huasteca em 17 de agosto de 1925 como empregado de nosso depósito em Cerro Azul, com um salário de 5 pesos diários. Em 1 de setembro, foi promovido e assumiu cargo do departamento de venda de gasolina de Cerro Azul com um salário de 6 pesos diários. Em 14 de maio de 1926, renunciou repentinamente, declarando que tinha assuntos urgentes para resolver na Nicarágua. Era trabalhador, sóbrio e aparentemente de bom caráter” (Arquivos do Instituto de História de Nicarágua, Manágua).

experiências políticas e sociais que Sandino presenciou em Cerro Azul e determinar as influências que estas tiveram em seu pensamento político.

As companhias petrolíferas e a Constituição Mexicana

Com o intuito de entender melhor o ambiente político e social nas companhias petrolíferas do estado de Veracruz, em 1925, faremos referência a dois artigos da Constituição mexicana de 1917: o artigo 27, relativo à propriedade da terra e o 123, relativo às condições sócio-econômicas do trabalho.

Até o momento referido, a maioria das companhias petrolíferas norte-americanas despojava inescrupulosamente os camponeses de suas terras comprando-as a preços irrisórios ou utilizando, muitas vezes, a tristemente famosa *guardia blanca*. Os proprietários norte-americanos reagiram fortemente perante as leis de 1917, temendo que essas disposições tivessem uma aplicação retroativa em suas possessões. A tensão alcançou um nível crítico quando, em 1921, o presidente Obregón tentou impor uma taxa de exportação ao petróleo e resgatar a legitimidade dos direitos adquiridos antes de 1917. O conflito foi resolvido com a assinatura dos tratados de Bucareli, em 1923, e o restabelecimento temporal do *statu quo*.

No aspecto trabalhista, além de uma série de regulamentações do trabalho, reconhecia-se o direito de sindicalização dos trabalhadores, de greves e paralisações. Os conflitos se resolviam na junta de Conciliação e Arbitragem de cada estado, com uma representação tripartida: governo-operários-patrão. Depois de vários congressos (1927, 1928, 1921), os sindicatos existentes se organizaram em duas centrais operárias: a CROM⁴ e a CGT⁵. Esta última, de filiação anarco-sindicalista, preconizava a luta de classes e excluía toda ação ou colaboração política com o governo a fim de estabelecer o comunismo libertário. A CROM, de tendência oficialista, tinha como principal objetivo defender os direitos trabalhistas estabelecidos na Constituição. Sua política de colaboração oficial tornou-se mais evidente quando o presidente Calles nomeou a Luis Morones, dirigente da CROM, como Ministro do Trabalho em 1924.

⁴ Confederação Regional Operária Mexicana (N. do T.).

⁵ Confederação Geral do Trabalho (N. do T.).

No estado de Veracruz, onde se concentrava a maioria das companhias petrolíferas norte-americanas, existia um forte sentimento anti-anque. Ninguém havia esquecido a ocupação militar do porto de Veracruz em 1914. Foram organizados movimentos camponeses de resistência que receberam o apoio de sucessivos governantes do estado: Adalberto Tejada (1920-1924) e Heriberto Jará (1924-1928). Ambos, de clara posição anti-intervencionista, enfrentaram diretamente as políticas das companhias estrangeiras.

Esta luta foi, por sua vez, sustentada pela luta do movimento sindical e suas reivindicações sociais. A organização sindical já existia desde a segunda década do século XX, em grande parte influenciada pelos anarco-sindicalistas. Depois da recessão econômica de 1921-1923, segundo Miguel Ángel Velasco, “o governador Tejada facilitou e promoveu a organização dos sindicatos, protegeu-os e designou como inspetores do trabalho companheiros que eram dirigentes sindicais em âmbito regional”.⁶

Sindicatos para a Huasteca Petroleum Co.

Em 1924, foram registrados 33 sindicatos petrolíferos no estado de Veracruz,⁷ influenciados em sua maioria pela CGT, entre eles o Sindicato Petrolífero de Operários e Empregados da Huasteca Petroleum Co., estabelecido na refinaria de Mata Redonda.⁸ Em setembro de 1924, este sindicato iniciou uma greve em prol de seu reconhecimento, um convênio coletivo de trabalho e aumentos salariais. Ao ganhar a luta, o sindicato se estendeu a oito campos da companhia, dentre eles, Cerro Azul, onde estava o poço de maior rendimento e que chegou a ser a filial mais importante. O governo de Calles aprovou uma nova lei com o objetivo de manter apenas uma central sindical, decretando que somente seria reconhecido o sindicato com representação majoritária na empresa. No contexto legal e diante da crescente popularidade da CGT, a Huasteca Petroleum Co. promoveu a organização de seu sindicato *blanco*, o Sindicato Único, dirigido pelo mesmo chefe da *guardia blanca* da companhia.

⁶ “Entrevista de Miguel Ángel Velasco”, militante comunista, membro fundador da União de Padeiros de Jalapa, Estado de Veracruz, nos anos vinte. 11 de maio de 1993, México, D.F.

⁷ Benítez, *Organización*, 1983, p. 91.

O ano de 1925 se iniciou com uma forte luta proselitista entre os dois sindicatos para obter o reconhecimento oficial. O sindicato de Mata Redonda reclamou a extensão das condições do Convênio de setembro a outros campos da companhia. Esta, por sua vez, negou a demanda e o sindicato declarou a greve. Naquele momento, março de 1925, a superioridade do sindicato cegetista era evidente. Constituído em Federação com 3.000 filiados frente a 650 do Sindicato Único, conseguiu facilmente a prorrogação da paralisação por mais de quatro meses.

Com estes dados compreendemos o porquê de surgir, em alguns estudos, a afirmação de que Sandino esteve filiado ao sindicato da CGT de Cerro Azul. Contudo, sem excluir os possíveis contatos que o líder pode ter tido com alguns anarco-sindicalistas de Tampico e Veracruz enquanto esteve trabalhando em Cerro Azul, Sandino não militou nas fileiras da CGT pela simples razão de que, durante esse período, a Federação já não existia... O que pudemos constatar é que ele esteve filiado ao Sindicato Único que, finalmente, havia conseguido ser imposto pela companhia.

No início da greve, o Sindicato Único havia solicitado apoio a Luis Morones, que ajudou, dentre outras coisas, a redação de um Memorial dirigido ao presidente Calles.⁹ Ao trabalhar os objetivos da luta e encaminhá-los para fins políticos, este memorial denunciava como origem do conflito a suposta ação agitadora da CGT para a propagação de idéias bolcheviques. A Federação, apoiada pelos governadores de Veracruz e Tamaulipas, refutou esta acusação e reivindicou os objetivos da luta: a extensão do Convênio de Mata Redonda e seu reconhecimento sindical. Em maio, membros do Sindicato Único assassinaram um operário cegetista. A Federação reforçou a greve e exigiu a demissão imediata de 14 membros do outro sindicato. A tensão aumentava, a posição do sindicato cegetista se mantinha inflexível e a companhia tampouco cedia. O presidente Calles declarou ilegal a paralisação, considerando-a como “um conflito de índole pessoal”, no que concordou com os petroleiros estrangeiros. Posteriormente, após pressionar a Federação para que esta rompesse com a CGT e aderisse à CROM, a polêmica se extinguiu.

⁸ Para poder reconstruir a história sindical da Huasteca Petroleum Co., consultamos alguns trabalhos muito completos que são: Benítez, *Organización*, 1983; Alafita, “Trabajo”, 1986; PEMEX, *Mata*, 1988.

⁹ “Memorial do Sindicato Único ao presidente Calles”, 10 de março de 1925, AGN (Arquivo Geral da Nação), Obregón-Calles: caixa 981, exp. 407 T13.

Em julho, depois de três anos de paralisação sem solução, a companhia publicou uma lista dos empregados que estavam dispostos a serem readmitidos sem represálias. Alguns operários regressaram: 2.000 grevistas foram indenizados com 50 pesos e um passe de trem, depois de confirmar em um recibo que já não tinham nenhuma relação com a petroleira. A Federação foi, de fato, desfeita. Em fins de julho, a companhia já havia imposto, novamente, a contratação individual: três dias foram considerados como período probatório e depois se continuava por tempo indefinido.¹⁰ Permitia-se a rescisão de qualquer uma das partes oito dias antes, desrespeitando-se o artigo 123 da Constituição que obrigava a empresa a pagar três meses de indenização. A princípios de agosto, a companhia reconheceu ao Sindicato Único como titular do contrato de trabalho. Publicou a lista de trabalhadores que necessitava e impôs as seguintes condições: contrato individual e filiação ao Sindicato Único.

O desenlace da greve significou um sério retrocesso para o movimento sindical: perdeu-se todo o ganho do ano anterior. Também foi uma derrota para a CGT que, com esse conflito, conheceu o princípio da ofensiva que ia enfrentar ante a CROM e o governo de Calles.

Sandino e o sindicalismo em Cerro Azul

Foi nesse contexto de retrocesso social e repressão sindical que Sandino chegou a Cerro Azul em 17 de agosto de 1925. Para ser contratado, teve que se filiar ao Sindicato Único tal como exigia a companhia e como nos confirmou um companheiro de trabalho de Sandino: David Brande.¹¹ Por sua vez, M. A. Velazco nos explicou que para isso, então “os núcleos dirigentes dos sindicatos se converteram em monopolizadores do trabalho de tal maneira que um operário não podia começar a trabalhar a não ser através do sindicato, quer dizer, através dos líderes sindicais”. Antes dessa data, o itinerário de Sandino no México é muito impreciso. Sabemos que, em fins de 1923, ele saiu da Guatemala em direção ao México, onde atuou em diferentes postos de trabalho: comerciante na capital, operário da South Pennsylvania Oil Co. em Tampico e empregado da PMF Co. em Álamo. Destes dados, temos somente a

¹⁰ Benítez, *Organización*, 1983.

confirmação do último por uma carta que Sandino enviou à sua prima em 15 de março de 1925.¹²

No período em que Sandino trabalhou em Cerro Azul, não se registrou nenhum movimento grevista na companhia. De uma maneira geral, a mobilização sindical nas petroleiras apresentou uma queda em vista das derrotas sofridas e da luta pela hegemonia entre as direções dos sindicatos. No entanto, mesmo tendo sido imposto pela companhia e depois acompanhado pela CROM, o Sindicato Único manteve uma luta pela reivindicação comum a todo o movimento sindical, qualquer que fosse sua origem política: a do cumprimento das leis do trabalho do artigo 123 da Constituição. M. A. Velazco insistiu que

a luta pelo cumprimento das leis do trabalho era o motor principal, o motivo que conduziu os operários a se organizarem [...] Nosso trabalho como sindicalistas era perseguir as violações à lei, particularmente as violações à jornada de oito horas que, em muitos lugares, não se respeitava.

No Memorial ao presidente Calles, o Sindicato Único descrevia as conquistas sociais alcançadas na companhia: um salário mínimo de 4 pesos, habitações cômodas, atendimento médico, caderneta de poupança e escolas para as crianças em todos os campos. David Brande nos confirmou esta última informação ao precisar que, em Cerro Azul, a escola para os trabalhadores e seus filhos esteve aberta a partir de 1925.

Como membro do Sindicato Único, Sandino tinha a obrigação de acompanhar as assembléias. Dos testemunhos que recolhemos, sabemos que o tema dessas reuniões girava em torno do cumprimento das leis do trabalho. Não pensamos que tenha tido mais compromissos sindicais, porque segundo David Brande, Sandino era muito discreto, muito trabalhador e não se envolvia em nada, pois nem sequer saía para passear aos fins de semana. Como veremos mais adiante, o que lhe causou mais impacto em sua experiência em Cerro Azul foram as regulamentações legais das condições de trabalho e a luta sindical para que estas fossem respeitadas pelos patrões.

¹¹ “Entrevista de David Brande”, operário petroleiro da Huasteca em Cerro Azul em 1925. Tampico, 9 de maio de 1993.

¹² “Carta de Sandino a María Mercedes Sandino”, 15 de março de 1925. Dospital, “Mouvement”, 1991, vol. 2, anexos.

O nacionalismo do governo de Calles

Houve outro acontecimento político e econômico que Sandino reteve: o enfrentamento entre o governo de Calles e as companhias petrolíferas ante a nova lei do petróleo em dezembro de 1925. De acordo com esta lei, as companhias deviam solicitar ao governo federal a confirmação de seus direitos sobre as propriedades adquiridas anteriormente a 1917, assim mesmo estipulava que as concessões outorgadas a posteridade teriam uma vigência restrita a 50 anos. As relações entre os governos de Calles e de Coolidge, presidente dos Estados Unidos, nunca foram muito cordiais, pois o presidente mexicano havia mostrado, desde o início, suas aspirações nacionalistas. Em 31 de dezembro, Calles declarou, em sua mensagem anual à nação, que o sistema de reformas nacionalistas

não havia sido inspirado por aversão a estrangeiros já que, ao contrário, se aceitava a colaboração internacional para o desenvolvimento do país, mas sempre e quando esta tenha por obstáculo restritivo o respeito às leis mexicanas [...] sem prejuízo dos interesses nacionais.¹³

O discurso foi recebido como uma bomba: várias companhias se negaram a acolher a nova lei. O senhor Doheny, dono da Huasteca Petroleum Co. foi seu mais violento opositor e ameaçou diminuir a produção e despedir milhares de operários.

A atitude nacionalista de Calles recebeu o apoio do movimento operário de Veracruz onde, como já vimos, o sentimento antiianque era bastante forte. Nesse mesmo contexto, no ano de 1926, alguns companheiros de Sandino, ao falar da submissão dos povos latino-americanos ante o império norte-americano, taxaram os nicaragüenses de “vendepátrias”.¹⁴ Em outubro de 1925, o conservador nicaragüense Chamorro dirigiu um golpe de estado contra o governo liberal e, em 2 de maio de 1926, explodiu uma revolta liberal na costa Atlântica, conhecida como a guerra Constitucionalista, para restabelecer no poder o governo destituído. Foi, então, quando desembarcaram os *marines* norte-americanos para “proteger as vidas e interesses dos cidadãos americanos” residentes na Nicarágua. Em 14 de maio, Sandino apresentou sua demissão à companhia petrolífera e regressou ao seu país.

¹³ Selser, *Pequeño*, 1984, p. 56.

¹⁴ Román, *Maldito*, 1983, p. 56.

O regresso de Sandino à Nicarágua

O regresso “súbito” de Sandino apresenta duas explicações. Tal como ele mesmo expressou em uma entrevista com José Román, nesses seis anos de exílio forçoso, seu profundo desejo era retornar à sua pátria, casar-se com sua prima e dedicar-se ao comércio.¹⁵ Também, em uma carta de início de maio, seu pai o convidou a retornar à Nicarágua já que as diligências judiciais em sua busca haviam terminado e sua noiva o esperava.¹⁶ Segundo seu irmão Sócrates, a carta do pai pode tê-lo convencido a regressar.¹⁷ Na entrevista com Román, Sandino confessa que, além disso, o motivo de seu regresso envolvia as reflexões de seus companheiros mexicanos que acabaram ferindo sua honra e convencendo-o a lutar pelo seu país.

As duas versões não são contraditórias: mesmo que sua primeira intenção tenha sido a de regressar e se instalar em sua cidade natal, a sorte política de seu país não lhe era indiferente: quando adolescente já era um fiel seguidor de seu pai, reconhecido liberal e antiintervencionista. Em 1912, ficou impressionado com o levantamento liberal do general Zeledón que foi assassinado pelos *marines* norte-americanos e, a seguir, os acontecimentos políticos que presenciou no México e que haveriam de reforçar, indubitavelmente, seu sentimento patriótico.¹⁸

Ao chegar à Nicarágua, em junho de 1926, Sandino não pôde permanecer em sua cidade. Foi a San Albino, em Las Segovias del Norte, para trabalhar em uma mina de ouro explorada por um norte-americano. Em poucos meses, partiu com 29 mineiros e se alistou nas fileiras do exército constitucionalista. Em 4 de maio de 1927, os liberais firmaram um acordo de paz com o enviado norte-americano Henry Stimson, aceitando a manutenção das tropas de ocupação para “assegurar a paz e a estabilidade política”. Apenas o “general” Sandino se negou a entregar as armas e dirigiu, durante 7 anos e a

¹⁵ *Ibid.*, p. 54.

¹⁶ Sandino deixou a Nicarágua para seu “exílio” por conta das diligências policiais que procuravam detê-lo, depois dele ter se envolvido, por volta de 1920, num conflito criado com a família de uma jovem com quem havia flertado, e ferido o irmão da moça (N. do T.).

¹⁷ Sócrates Sandino, “A vida do general Sandino”, *El Universal ilustrado*, 23 de fevereiro de 1928.

¹⁸ Em 1912, as tropas de intervenção dos Estados Unidos desembarcaram e mantiveram ocupado o território da Nicarágua até 1914.

partir de Las Segovias, a mais tenaz guerra de guerrilha contra as tropas de intervenção dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX.

O nacionalismo antiimperialista de Sandino

Apesar da campanha antieleitoral dos sandinistas, o liberal Moncada saiu eleito e tomou posse na Presidência da República da Nicarágua em 1 de janeiro de 1929. Cinco dias mais tarde, Sandino apresentou ao presidente as bases de um convênio que, ao serem aceitas, permitiriam alcançar a paz e o reconhecimento do novo governo.¹⁹ Este documento é o programa político mais completo que ele escreveu. O primeiro eixo desse programa se refere à intervenção norte-americana e à construção de um verdadeiro Estado Nacional na Nicarágua. O general exigia a retirada das tropas de ocupação, a anulação do tratado Bryan-Chamorro e de todos os demais que haviam sido celebrados a partir de 1909, bem como o rechaço a qualquer “empréstimo ianque” e a condenação da dívida do governo nicaraguense com o dos Estados Unidos, pois “a nação não tem porque pagar com seus recursos os experimentos que o governo dos Estados Unidos mandou realizar de seus modernos equipamentos bélicos nos peitos dos patriotas nicaraguenses”.²⁰ Além disso, Sandino pedia ao presidente que proclamasse a União Centroamericana e convidasse a todos os governantes da América Indo Latina, Continental e Antilhana para uma assembléia, a fim de organizar uma confederação de todos estes povos, formando assim uma frente única capaz de neutralizar o avanço do imperialismo norte-americano.

Essas reivindicações foram a medula da luta sandinista e do projeto político de seu chefe. Pode-se observar, portanto, que o campo da luta antiimperialista considerava a dimensão militar, política e financeira. Nesse documento, a referência à intervenção

Em uma entrevista ao *Diario de Yucatán*, em 4 de outubro de 1929, Sandino declarou: “Zeledón, grande patriota, soldado valente. Seu heróico sacrifício em honra de nossa soberania não será esquecido” em Villanueva, *Yucatán*, 1988, p. 130.

¹⁹ “Bases do convênio que se propõe ao general José Maria Moncada para que se constitucionalize como presidente da república da Nicarágua no período de 1929 a 1932”, 6 de janeiro de 1929. Instituto, *Sandino*, 1984, vol. 1, p. 297.

²⁰ Em 5 de agosto de 1914, o general nicaraguense firmou com o secretário de Estado dos Estados Unidos, William Bryan, um tratado cedendo por três milhões de dólares uma zona do território nicaraguense para a construção de um canal interoceânico, as ilhas de Maíz em arrendamento por 99 anos e o direito de estabelecer, explorar e manter uma base naval no golfo de Fonseca.

econômica é mais indireta. Ao falar da construção de estradas e ferrovias que havia prometido o presidente Moncada, Sandino dizia que

não importaria aos nicaragüenses, uma vez que os beneficiados seriam somente as companhias estrangeiras, únicas e verdadeiras aproveitadoras de tais construções, porque não ignoramos que o governo da Nicarágua tem comprometidos, com os ianques, até os bancos dos edifícios públicos.

O interesse dos Estados Unidos pela Nicarágua não era tanto econômico quanto geopolítico: uma vez começada a construção da via interoceânica no Panamá em 1904, a maior preocupação política dos Estados Unidos foi impedir que a Nicarágua pudesse conceder a outro país os direitos de construção de um novo canal. Para esse fim serviram-se da chamada “diplomacia do dólar” para controlar politicamente o país.

Em 1924, os banqueiros controlavam todas as fontes de renda das estatais: os rendimentos aduaneiros, os impostos de exportação e importação e o Banco Nacional, chegando-se ao extremo de que o orçamento de gastos anuais do governo da Nicarágua era fiscalizado e aprovado pelos credores norte-americanos. Por outro lado, nos anos vinte, o valor total das empresas norte-americanas na Nicarágua era de aproximadamente seis milhões de dólares repartidos em plantações bananeiras e cafeicultoras, companhias madeireiras e minas, o que era insignificante em relação aos investimentos norte-americanos nos países vizinhos.

Foi a este objetivo político dos Estados Unidos que Sandino denunciou e contra o qual lutou prioritariamente. Quando o general Sandino tomou como alvo as companhias norte-americanas, suas represálias militares tinham antes de tudo um objetivo político: provar a inutilidade da intervenção do governo dos Estados Unidos, demonstrando que os *marines* eram incapazes de proteger seus compatriotas na Nicarágua.

Em raras ocasiões Sandino tratou do aspecto econômico da intervenção. Não somente porque as propriedades norte-americanas eram poucas, mas também porque, nesse momento, como ele mesmo expressou mais tarde, não existia na Nicarágua problema de terras. Em 1920, das terras cultiváveis que constituíam as duas terças partes do território, somente 5% serviam à agricultura e 3% ao gado. Mais de 50% dessas terras cultiváveis ainda eram selvas.

Ainda que a luta nacionalista e antiimperialista no México e Nicarágua tivesse o mesmo objetivo, o de construir o Estado Nacional, não se podia realizar da mesma maneira devido à diferença de contexto político, econômico e social de cada país. A luta contra as companhias estrangeiras que se empreendeu no México não tinha razão de ser na Nicarágua e Sandino estava consciente dessa realidade. Contudo, sua experiência no México lhe permitiu prever o que poderia ocorrer em sua pátria e, dessa forma, em 1933, declarou-se partidário, numa entrevista, da nacionalização do solo e do subsolo assim como do investimento de capital estrangeiro sempre e quando se submetesse às leis do país e não explorasse os trabalhadores.²¹ Esta posição nos lembra a do presidente mexicano Calles e, em particular, seu discurso de 31 de dezembro de 1925.

Em 1929, Sandino confessou que sua luta havia seguido “o exemplo dos patriotas mexicanos, em cujos feitos gloriosos meu espírito e meu ideal encontraram sempre uma fonte de inesgotáveis recursos e uma abundante e vigorosa inspiração para a luta”.²² Pensamos que o que ele resgatou de sua experiência mexicana foi uma atitude que significava dignidade nacional, patriotismo e antiimperialismo, assim como a luta política dos governantes pelo respeito à Constituição.

Legislação do trabalho

O segundo eixo do programa sandinista de 1929 referia-se à legislação do trabalho. Tratava-se de uma série de medidas concretas: a jornada máxima de oito horas, leis sobre acidentes de trabalho, salário especial em horas extras, salário em moeda efetiva e supressão dos “vales”, instrução primária obrigatória para os trabalhadores nas empresas, igualdade de salário para a mulher, regulamentação do trabalho das crianças, direito de organização e de greves para os trabalhadores e criação de um Departamento Nacional do Trabalho encarregado de arbitrar as relações entre patrões e trabalhadores.

A primeira ação de Sandino, em maio de 1927, foi ocupar a mina de San Albino e distribuir o ouro entre os mineiros. Justificou sua ação acusando o empresário Chas Butter de ser

²¹ “Conversações com Belausteguigoitia”, 4 de fevereiro de 1933. Instituto, *Sandino*, 1984, vol. 2, p. 294.

²² “Carta a Emilio Portes Gil”, 30 de julho de 1929. *Ibid*, vol. 1, pp. 364-365.

um fraudador do salário dos trabalhadores aos quais obriga a trabalhar 12 horas diárias pagando-lhes com vales, os quais são aceitos somente em seu comissariado em troca de mercadorias pelo dobro do preço.²³

Na Nicarágua, não existia nenhuma legislação sobre o trabalho. Tampouco existiam organizações sindicais no campo, exceto algumas na costa atlântica. Ao experimentar as vergonhosas condições de trabalho em seu país e recordar as que havia vivido no México, Sandino se indignou e, inspirado na Constituição e nas lutas sindicais mexicanas, propôs ao presidente Moncada um projeto de leis do trabalho bastante completo e, em muitos aspectos, similar ao artigo 123 daquele país.

Para a Nicarágua de 1929, era uma proposta revolucionária, mas também anacrônica. A indústria ainda não existia, com exceção de duas refinarias de açúcar e pequenas empresas artesanais. As poucas organizações sindicais existentes na cidade agrupavam artesãos e comerciantes e eram mais propriamente associações mutualistas que seguiam os posicionamentos dos partidos políticos tradicionais. No campo, excetuando as companhias madeireiras, bananeiras e as minas, a maioria dos trabalhadores assalariados eram camponeses semiproletarizados. Haveria que se aguardar, nos anos 50, a introdução do algodão para ver o impulso do desenvolvimento industrial e, por conseguinte, a formação de um verdadeiro proletariado rural.

Na medida em que a luta foi avançando, Sandino compreendeu que o combate para conseguir que se expedissem leis do trabalho, de fundamental importância no México dos anos 10, não era prioritário na Nicarágua dos anos 20. Nas ações, ele seguirá defendendo as reivindicações sociais, ocupando as companhias estrangeiras, distribuindo a comida dos comissariados entre os trabalhadores e criando um departamento docente da guerrilha, o mesmo que se encarregou de ensinar os soldados a ler e a escrever e, também, de organizar escolas nos povoados indígenas às margens do rio Coco. Mas, a partir de 1930, com a radicalização da disputa militar, o programa político estabeleceu como segundo objetivo, depois da luta antiimperialista, a reivindicação das demandas da base fundamental do movimento sandinista, a grande massa camponesa: preservação de suas propriedades e acesso ao usufruto das terras nacionais.

²³ “A meus compatriotas nicaragienses”, 14 de julho de 1927, *ibid*, vol. 1, p. 124.

É pouco provável que possamos chegar a conhecer tudo o que Sandino experimentou em seus seis anos de exílio, particularmente no México. Mais importante historicamente é chegar a decifrar os elementos de seu pensamento político que podem ter tido origem nos acontecimentos presenciados em seu exílio mexicano. Os dois objetivos analisados do programa político de 1929 nos parecem fundamentais, não só porque colocam em destaque a influência que teve a revolução mexicana, mas também porque nos mostram como Sandino soube adaptar e, inclusive, reorientar as idéias recebidas à situação particular de seu país.

Em relação ao tema nacional, o que Sandino captou no México foi, como disse, a atitude de seus governantes, sua capacidade de enfrentar a intervenção estrangeira e de fazer respeitar a Constituição. De todos os governos nicaragüenses, só um havia adotado uma postura similar: o governo do liberal Zelaya (1893-1909). Os demais se submeteram interessadamente às diretrizes do governo norte-americano. Durante os seis anos de guerrilha, o general sempre reivindicou que a construção do Estado nacional da Nicarágua repousasse num governo legalmente eleito, respeitador da Constituição, nacionalista e antiimperialista. Essa era a essência da luta política de Sandino.

No campo social, consciente do atraso ao qual estava submetido seu país, tratou de introduzir os avanços sociais que havia experimentado no México, referentes à legislação trabalhista. Mas o terreno social, no qual se desenvolveu a luta sandinista, levou seu chefe a reorientar seu programa em prol das reivindicações camponesas e não das operárias, já que aquelas eram mais adequadas à realidade sócio-econômica de Las Segovias.

No tocante à possível influência dos anarco-sindicalistas mexicanos, não encontramos nenhuma proposta comum entre eles e o programa político de Sandino; talvez possamos falar de contradições, já que aqueles preconizavam a supressão do Estado enquanto esse lutava por seu fortalecimento.

Contudo, seria interessante analisar o projeto de colônia agrícola autogestionada que Sandino criou em Las Segovias depois de firmada a paz em 1933. Essa “sociedade de ajuda mútua e de fraternidade universal” correspondia ao projeto do espírita argentino, Joaquim Trincado, fundador da Escola Magnético-Espiritual da Comuna Universal (EMECU) e foi no México, em 1929, onde Sandino se vinculou a essa

escola.²⁴ A pergunta que o fato nos suscita é se existia ou não diferença entre o “comunismo libertário” anarquista e o “comunismo racionalista” da EMECU defendido por Sandino.²⁵

Bibliografia

- ALAFITA MÉNDEZ, Leopoldo. “Trabajo y condición obrera en los campamentos petroleros de la Huasteca, 1900-1935”. *Anuario IV*, Jalapa: Centro de Investigación Histórica de la Universidad Veracruzana, 1986.
- BENÍTEZ JUÁREZ, Mirna. *Organización y lucha sindical de los petroleros en Veracruz, 1918-1928*. Jalapa: Facultad de Sociología, 1983.
- DOSPITAL, Michelle. “Le mouvement sandiniste de libération nationale au Nicaragua (1927-1934). Essai d’analyse d’un projet politique”. Tese de Doutorado: Estudios hispánicos e hispanoamericanos, Universidad de París VIII, 1991 (2 vols.).
- INSTITUTO DE ESTUDIOS DEL SANDINISMO, A.C. *Sandino. El pensamiento vivo*. Introducción, selección y notas de Sergio Ramírez. Managua: Nueva Nicaragua, 1984 (2 vols.).
- PEMEX. *Mata Redonda y Cerro Azul. Dos historias en torno al petróleo. 1900-1938*. México, 1988.
- ROMÁN, José. *Maldito país. El pez y la serpiente*. Managua, 1983.
- SELSER, Gregorio. *Sandino, general de hombres libres*. San José: EDUCA, 1980.
- _____. *El pequeño ejército loco. Sandino y la operación México-Nicaragua*. Managua: Nueva Nicaragua, 1984 (2 vols.).
- TORRES, Edelberto. *Sandino*. Managua: Realidad Social, 1984.
- VILLANUEVA, Carlos. *Sandino en Yucatán (1929-1930)*. México: Secretaria de Educación, 1988.

²⁴ “Carta a Alfonso Alexander”, 7 de julho de 1933. Dospital, “Mouvement”, 1991, vol. 2, anexos.

²⁵ “Enquanto você evita chamar-se comunista, eu declaro ao Universo inteiro, com toda a força do meu ser, que sou comunista racionalista”. “Carta a Humberto Barahona”, 27 de maio de 1933. Instituto, *Sandino*, 1984, vol. 2, p. 338.